

## LITERATURA DE LÍNGUA LATINA TRADUZIDA NO BRASIL<sup>1</sup> O QUE CONHECEMOS NÓS DOS NOSSOS AVÓS, OS ROMANOS?

Mauri Furlan  
UFSC

Observa Grimal, o grande latinista francês, que uma obra literária, desde o momento de seu surgimento, aspira a ser durável, a escapar da ação destruidora do tempo, mas, paradoxalmente, ao alcançar seu objetivo, ela perpetua seu próprio momento histórico e o fossiliza. (Grimal 1994:10). Podemos acrescentar ao pensamento de Grimal o fato de que a perpetuação de uma literatura, que depende, entre outros fatores, de sua sobrevivência material, da conservação da escritura e sua divulgação, relaciona-se muitas vezes com sua possibilidade de tradução.

Diante de tudo o que sabemos da literatura latina, é preciso não esquecer o que dela ignoramos e que está perdido, e que, certamente, ao menos em quantidade, é muito mais considerável do que aquilo que foi conservado. Se por um lado, isso nos obriga a relativizarmos sempre nossas afirmações sobre a literatura latina, por outro, devemos reconhecer que a transmissão dessa literatura até nós não foi totalmente fortuita. Embora não se possa afirmar que todas as grandes obras-primas foram salvas, sabemos que entre os séculos IV e VI de nossa era copiaram-se aquelas obras que pareciam as mais importantes para a transmissão da cultura: fruto sim de um julgamento e opção históricos de algumas gerações, mas que condicionaram as bases de nossa cultura. Salvou-se do naufrágio o que parecia ser o melhor, o mais durável. E isto é uma razão que torna essa literatura “clássica”, ou seja, permanente, exemplar. (Grimal 1994:15).

Em concomitância à ‘seleção histórica’ da literatura latina feita pelos antigos no extertor do Império Romano e na primeira era do pós-imperialismo romano, participou também o fator preservação e transmissão dos textos antigos. As obras que nos chegaram, sujeitas às vicissitudes dos tempos e em sua fragilidade material e humana, compõem praticamente todo o conjunto de textos que costumamos chamar de clássicos da Antigüidade, e que começaram a ser impressas na prensa gutenbergniana, uma das maiores invenções renascentistas. Mas o Renascimento é também o momento de afirmação das línguas vernáculas e nacionais, e da confirmação de que o latim entra na classificação de língua estrangeira. Os ‘clássicos’ latinos precisam a partir de então de serem traduzidos...

A importância do conhecimento da literatura latina tem sido apontada desde há muito tempo por algumas ciências como a Teoria Literária e a História do Pensamento, que evocam freqüentemente modelos, fontes, arquétipos daquela literatura... mas sem oferecê-los para a leitura. A língua latina há muito já perdeu seu status de língua franca, e mesmo o de língua de cultura e símbolo das humanidades. Tornou-se uma língua menor e já não nos faz falta. Estamos pois

---

<sup>1</sup> Comunicação apresentada na Iª Jornada do Grupo de Pesquisa *Literatura Traduzida*. CCE, UFSC, 2004.

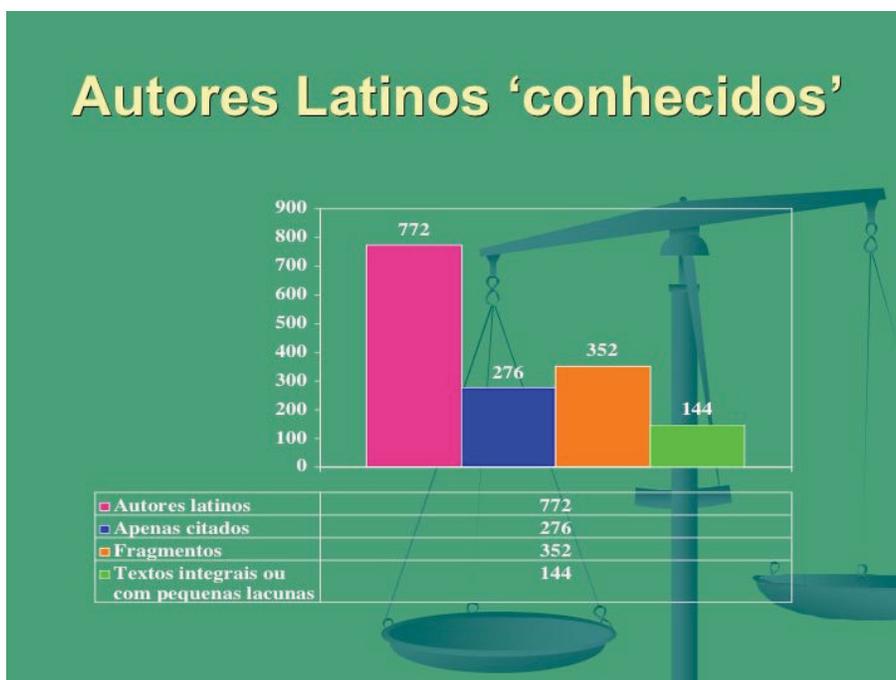
fadados a conhecer a literatura latina – bem como a maioria de outras literaturas estrangeiras – mediante sua tradução. Felizmente, a tradução se afirma orgulhosa e competentemente na transposição de literaturas de uma cultura a outra. E seria mesmo um absurdo afirmar, por exemplo, que sem o conhecimento da língua latina não se poderia apreciar verdadeiramente Virgílio, Plauto, Ovídio ou Horácio.

Ante a necessidade de especificar nosso *corpus* de pesquisa sobre “literatura latina”, é preciso delimitar a abrangência do termo, porque “literatura latina” aplica-se ao amplo conjunto de obras de caráter literário redigidas na língua dos romanos, desde o século III a.C. até o século XVIII. A delimitação do *corpus* poderia, em princípio, ser feita por dois critérios: o de gênero literário e/ou o temporal. Lembremo-nos de que a classificação de gêneros literários na Antigüidade diferia muito da que usamos atualmente. *Grosso modo*, o gênero literário vinculava-se então ao estilo e ao escritor. O estilo era bastante condicionado pela matéria ou assunto. E os escritores, por sua vez, eram divididos em *oratores* e *historici*. A categoria dos *oratores* se subdividia em duas; os oradores como tal e os poetas. No entanto, eram normalmente citados numa forma ternária: *historici, oratores, poetae*. Cada categoria requeria um estilo distinto. *Historici*, por sua vez, se referia não apenas aos ‘historiadores’, *stricto sensu*, mas a qualquer escritor que tratava seu tema de uma forma instrutiva, desapaixonada, caracterizada pelo desejo de informar. De maneira que a este grupo pertenciam os filósofos e os tratadistas de qualquer assunto. Quanto aos *oratores* e *poetae*, a linha que os separava era determinada pela quantidade e pelo tipo de ornamentação empregados; era mais de ordem técnica que de substância. Essas considerações são relevantes para a delimitação do *corpus* de nossa investigação, pois, se nos limitássemos à categoria de literatura ‘ficcional’ ou ‘inventiva’, como o entendemos, teríamos que excluir uma importantíssima parte de textos latinos referentes à história, à filosofia, à educação, etc., e desconsideraríamos nomes de peso como Júlio César, Cícero, Quintiliano, Sêneca... Uma vez que a literatura latina transformou-se num sistema fechado, isto é, acabado e sem possibilidades de expansão, com um número de autores e obras determinados, o critério de gênero literário não parece ser o mais conveniente. Por outro lado, embora este número seja limitado, ainda assim seria excessivo num primeiro momento se tentássemos abarcá-lo num espaço temporal de mais de vinte séculos. Daí a importância do critério temporal. Na primeira etapa de nossa pesquisa, nos limitamos ao período de existência do mundo romano, mais especificamente do mundo literário romano, do séc. III a.C. ao séc. V de nossa era, e trabalhamos com todos os gêneros de textos desde que sejam literários, *lato sensu*. Vale sempre lembrar que a literatura latina propriamente dita nasce por volta do ano 248 a.C., através da tradução da *Odisséia* de Homero por Lívio Andrônico: um fato profundamente simbólico para nossa cultura e para a tradutologia ocidentais.

Sob alguns aspectos a investigação sobre a literatura latina traduzida no Brasil se diferencia do trabalho que realizam meus colegas ao pesquisar as literaturas de línguas alemã, espanhola, francesa e italiana, por ser a latina uma literatura “fechada”, sem a possibilidade de surgimento de novos escritores. A metodologia, portanto, que me propus utilizar, se identifica com a de meus colegas quando parto dos dados oferecidos pela UNESCO, ou os amplio, considerando

inicialmente o tempo cronológico pré-estipulado de 30 anos, mas difere no sentido em que posso estudar toda a literatura latina traduzida buscando pelo número fechado de autores que a compõem, sem a limitação problemática dos gêneros, e descobrindo não só o que foi traduzido, mas também sua ausência, ou seja, o que não foi traduzido.

O latinista francês, Jacques Gaillard, lembra que no início do século passado foi feito na Europa um censo muito interessante, com alguns resultados do tipo:



Sabemos da existência de 772 autores latinos; destes, 276 são, para nós, apenas nomes citados em alguns lugares ou por outros autores; a obra de outros 352 autores, para nós, se resume a uns poucos fragmentos, ou a uma citação por um gramático, ou a uns poucos versos; restam apenas 144 autores dos quais é possível ler uma ou várias obras que se conservaram integralmente ou com algumas lacunas. Nossa visão da literatura latina condiciona-se pois a essa sobrevivência muito seleta, a que devemos referir-nos necessariamente. (Gaillard 1997:09). Destes 144 autores presumivelmente legíveis, comumente conhecemos um número ainda mais reduzido quando estudamos a literatura latina a partir de manuais modernos. Se tomamos um dos clássicos modernos como a *História da Literatura Ocidental*, de Otto Maria Carpeaux, em que o autor dedica 30 páginas à literatura latina, nos deparamos com um número restrito dos “melhores” autores: pouco mais de 40 autores. É óbvio que um estudo sobre a literatura latina não pode se restringir a um único manual, ainda que seja específico sobre o tema, como o são as obras de P. Grimal, de J. Bayet ou de Zélia de Almeida Cardoso, para citar os que mais tenho estudado. Jacques Gaillard nos oferece a cifra de 144 autores mas não nos apresenta uma relação dos nomes. Para tratarmos com profundidade o caso da ausência de

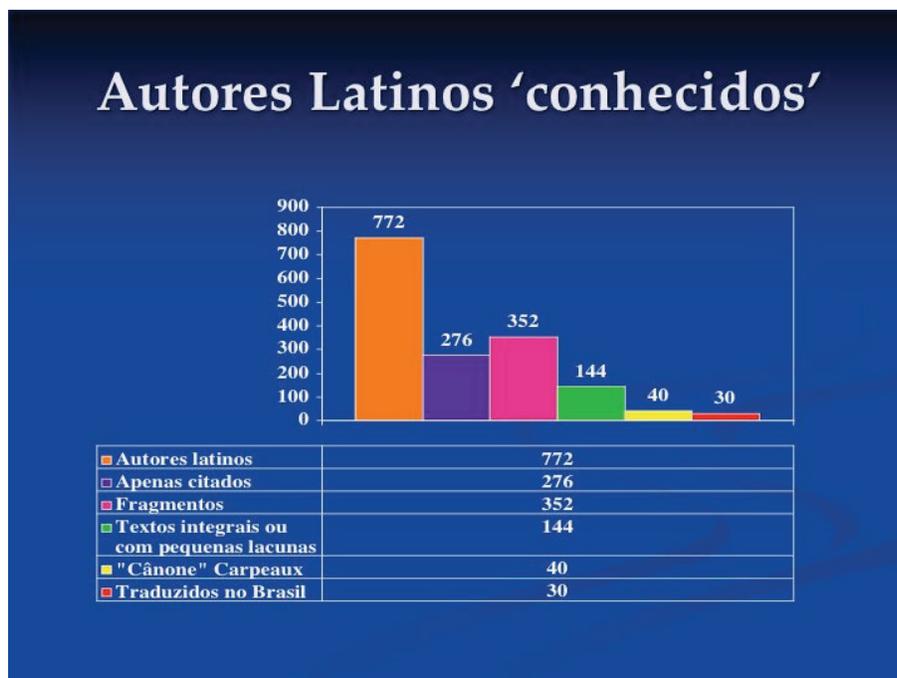
títulos da literatura latina traduzidos ao português, por exemplo, precisamos primeiramente investigar a questão de quais autores e obras dispomos realmente para serem traduzidos.

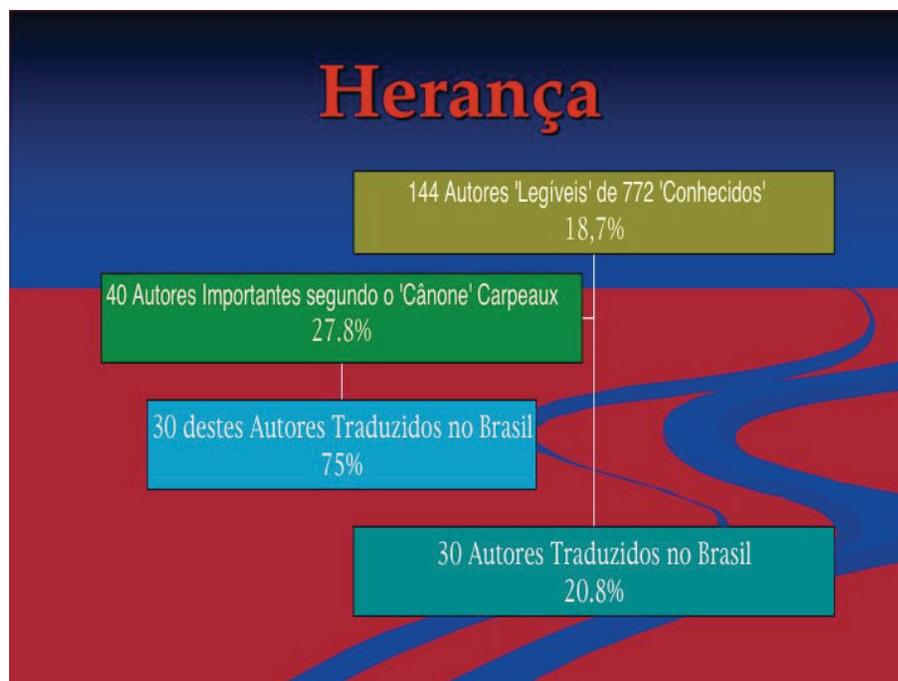
Se deixamos por hora de lado a questão de saber quais são esses 144 autores que pervivem até hoje, e nos perguntamos simplesmente: ¿quais as obras da literatura latina que estão traduzidas para o português do Brasil? tampouco obteremos resposta segura. A considerar o volume de traduções de autores latinos traduzidos no Brasil nos últimos 30 anos, segundo a catalogação da Unesco, ficamos perplexos diante da ínfima cifra de 15 títulos traduzidos. Se o *Index Translationum* da Unesco é, de alguma forma, representativo, está longe de ser completo. Basta com que visitemos algumas bibliotecas e livrarias, que embora também estejam longe de ser completas, apresentam vários títulos que não constam do catálogo da Unesco. E em todos os lugares, o critério de busca deve ser mesmo o por autores, dada a insuficiência de dados oferecidos pelos programas informáticos. Por onde começar? Se a maioria dos manuais de literatura latina trata tanto dos autores cujas obras nos chegaram como daqueles que conhecemos apenas através de outros autores, deveremos necessariamente refazer algum censo do tipo mencionado por Jacques Gaillard. O próprio Gaillard, que começa seu estudo sobre literatura latina mencionando o dito censo de 144 autores legíveis, mas sem apresentá-lo, termina seu texto com uma relação de 32 “principais escritores latinos” onde aparecem ‘legíveis’ e ‘perdidos’. Mas para termos uma idéia da problemática, podemos partir da suscinta história da literatura latina do Carpeaux. O autor austríaco escreve uma história opinativa daquela literatura, emitindo juízos de valor sobre autores e obras, ou seja, criando assim um cânone da literatura latina. Vejamos quais são os escritores latinos assinalados por Carpeaux, aqui em ordem alfabética:

| <b>‘Cânone’ Carpeaux</b>  |                        |                        |
|---------------------------|------------------------|------------------------|
| 1. Agostinho *            | 15. Jerônimo *         | 29. Plínio, o Velho .. |
| 2. Ambrósio *             | 16. Júlio César .. *   | 30. Propércio ..       |
| 3. Apuleio .. *           | 17. Júlio Floro        | 31. Quintiliano ..     |
| 4. Ausônio                | 18. Juvenal .. *       | 32. Salústio .. *      |
| 5. Basílio *              | 19. Lucano ..          | 33. Sêneca .. *        |
| 6. Boécio *               | 20. Luciano *          | 34. Suetônio .. *      |
| 7. Catulo .. *            | 21. Lucrécio .. *      | 35. Tácito .. *        |
| 8. Cícero .. *            | 22. Marcial .. *       | 36. Tertuliano *       |
| 9. Claudiano              | 23. Marco Aurélio *    | 37. Tibulo ..          |
| 10. Estácio               | 24. Orígenes *         | 38. Tito Lívio .. *    |
| 11. Fedro .. *            | 25. Ovídio .. *        | 39. Virgílio .. *      |
| 12. Gregório de Nissa *   | 26. Pérsio             | 40. Vitrúvio *         |
| 13. Gregório Nazianzeno * | 27. Petrônio .. *      |                        |
| 14. Horácio .. *          | 28. Plínio, o Jovem .. |                        |
|                           |                        | .. ‘Cânone’ Gaillard   |
|                           |                        | * Traduzidos no Brasil |

Ao compararmos este ‘cânone’ do Carpeaux com o ‘cânone’ do Gaillard, percebemos a recorrência de 23 autores, ou seja, os dois estudiosos coincidem em mais de 50% com respeito aos melhores autores latinos; e se excluíssemos do cômputo os autores ‘perdidos’ que são elencados por Gaillard, esta porcentagem seria ainda maior.

Destes 40 autores, quantos estão traduzidos no Brasil? Pelo levantamento de dados de nossa pesquisa, para o qual nos servimos do banco de dados da Unesco, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, do Dedalus da USP e das bibliotecas da UFSC e da UDESC, podemos afirmar que seguramente 30 destes 40 autores tiveram alguma obra ou excerto traduzido no Brasil. O que diminui um pouco nosso complexo de inferioridade e ignorância. De alguma forma, poderíamos dizer, qual raposa de Fedro, que, se por um lado traduzimos pouco, por outro, traduzimos o melhor. Nossas pesquisas nesses bancos de dados não foram exaustivas, o que significa que possivelmente deixamos de lado alguma informação, mas sem dúvida estão muito próximas da realidade. Mas, ¿e diante dos 144 ‘legíveis’? Quantos autores e quantas obras?... Ainda vamos poder dar uma resposta.





Sobre o levantamento geral feito até agora, podemos esboçar algumas constatações, ainda que no momento, a título de curiosidade:

- Alguns números:

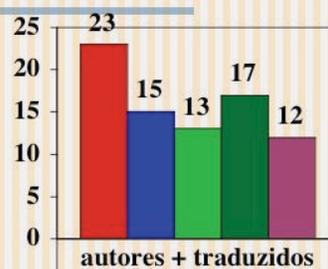
## Alguns números...

- Autores traduzidos: 30
- Titulos traduzidos: 95
- Traduções realizadas: 134
- Tradutores: 90
- Editoras: 60

- autores mais traduzidos:

## Autores + traduzidos

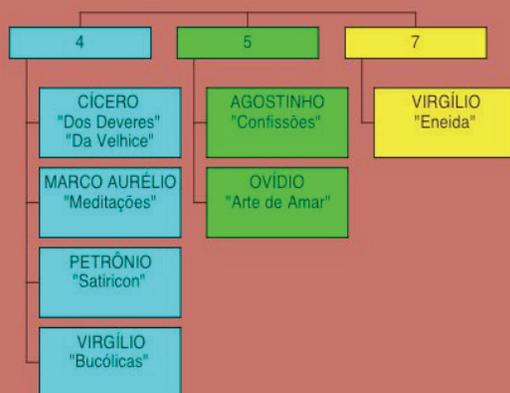
- Santo Agostinho
- Sêneca
- Cícero
- Ovídio
- Virgílio



|             |    |
|-------------|----|
| ■ Agostinho | 23 |
| ■ Cícero    | 15 |
| ■ Ovídio    | 13 |
| ■ Sêneca    | 17 |
| ■ Virgílio  | 12 |

- obras mais traduzidas:

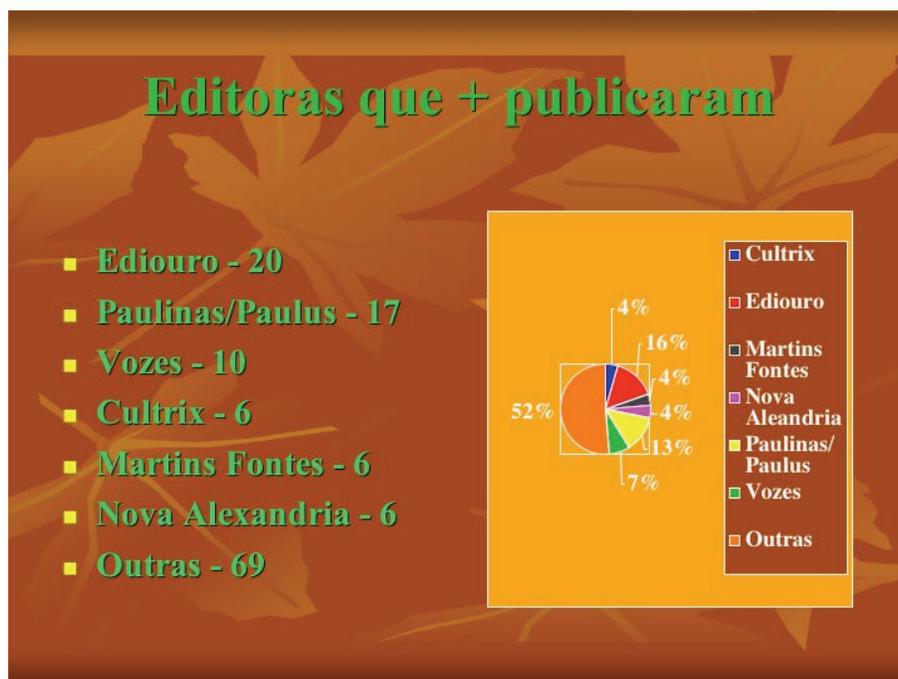
## Obras + traduzidas



- tradutores mais prolíficos:



- editoras que mais publicaram:



**Referências bibliográficas:**

- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental. Vol. 1.* Rio de Janeiro, Alhambra, 1978. 2ª ed.
- GAILLARD, Jacques. *Introducción a la literatura latina.* Madrid, Acento Editorial, 1997. Trad. de José Luis Checa Cremades.
- GRIMAL, Pierre. *La littérature latine.* Paris, Fayard, 1994.